

## A mulher africana e a cidade contemporânea em *Americanah*

Ludmila Guimarães Maia (USP)\*  
ORCID 0000-0001-7766-3871

**Resumo:** Este trabalho analisa o romance *Americanah* (2013), de Chimamanda Adichie, com o objetivo de compreender como a escritora representa a reinserção da mulher africana na vida urbana do seu país de origem e como se dá o processo de reconstrução do seu espaço identitário e social. Para dar conta da complexidade dos espaços construídos na obra usamos como referencial teórico o estudo de Franco Moretti (2003) sobre o romance europeu, no qual ele discute a criação de um terceiro polo narrativo que nasce entre o campo do protagonista e o campo antagonista. Em *Americanah* o espaço formado pelas cidades africanas do passado funciona como espaço da protagonista, enquanto as cidades americanas atuam como espaço antagonista. A tensão entre esses dois cenários possibilita a construção do terceiro polo narrativo, que é um espaço de mediação social na cidade africana contemporânea.

**Palavras-chave:** Literatura nigeriana; Chimamanda Adichie; Estudos culturais; espaço literário

**Abstract:** This study analyses Chimamanda Adichie's novel *Americanah* (2013) to understand in which way the author represents the African women reinsertion on urban life at their home country and how the reconstruction of identity and social spaces takes place. To address the complexity of the spaces built in the text we use Franco Moretti's (2003) study on European Novel, in which he discusses the creation of the third narrative pole which emerges between the protagonist field and the antagonist field. In *Americanah*, the space formed by the African cities acts as the protagonist field. The tension among these two scenarios enables the creation of the third narrative pole which is the new space for social mediation at the contemporary African city.

**Keywords:** Nigerian Literature; Chimamanda Adichie; Cultural Studies; Literary Space

**Resumen:** Este trabajo analiza la novela *Americanah* (2013) de Chimamanda Adichie, con el objetivo de comprender cómo la escritora representa la reinserción de la mujer africana en la vida urbana de su país de origen y cómo se da el proceso de reconstrucción de su espacio identitario y social. Para abarcar la complejidad de los espacios construidos en la obra usamos como referencial teórico el estudio de Franco Moretti (2003) sobre la novela europea, en el que se discute la creación de un tercer polo narrativo que nace entre el campo del protagonista y el campo antagonista. En *Americanah* el espacio formado por las ciudades africanas del pasado funciona como espacio de la protagonista, mientras que las ciudades americanas actúan como espacio antagonista. La tensión entre esos dos escenarios posibilita la construcción del tercer polo narrativo, que es un espacio de mediación social en la ciudad africana contemporánea.

**Palabras clave:** Literatura Nigeriana; Chimamanda Adichie; Estudios culturales; espacio literario

Recebido em: 10 fev. 2019

| Aprovado em: 02 out. 2019

---

\* Doutora em Letras e pós-doutoranda no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo (USP). E-mail: ludmilagmaia@gmail.com.

## Introdução

É inegável a crescente importância dos estudos de mulheres e sobre mulheres e a força da literatura como arma de empoderamento feminino. “Alcançar a igualdade de gêneros e empoderar todas as mulheres e meninas” é o quinto dos 17 objetivos para o desenvolvimento sustentável das Nações Unidas para 2030. E Chimamanda Adichie tem sido um modelo de mulher negra, africana, empoderada e empoderadora que serve de modelo para outras mulheres em todo o mundo. A sua notoriedade justifica-se não só pelas milhões de visualizações nos meios digitais que têm algumas das suas palestras nos *TED Talks*, mas também pela qualidade estética da sua obra, que vem adquirindo interessante fortuna crítica. O romance *Americanah* (2013) é o terceiro da jovem escritora e comprova o seu grau de maturidade em uma composição de estrutura complexa, personagens elaborados e discussão de temas polêmicos como a posição da mulher na sociedade, o racismo e as consequências dos trânsitos interculturais. A autora segue a linha das algumas predecessoras como Flora Nwapa e Buchi Emecheta que tratam das questões da mulher e das suas lutas para conquistar espaço e independência na África pós-colonial. O objetivo deste trabalho é compreender como a escritora representa nessa obra a reinserção da mulher africana na vida urbana do seu país natal e como se dá o processo de reconstrução do seu espaço identitário e social, a partir da negociação entre os valores tradicionais e as mundivivências interculturais experimentadas na imigração.

Para dar conta da complexidade dos espaços construídos na obra usamos como referencial teórico o estudo de Franco Moretti (2003) sobre o romance europeu, no qual ele discute a criação de um terceiro polo narrativo, que nasce entre o campo do protagonista e o campo antagonista. Transpondo essa teoria ao espaço literário, entendemos que em *Americanah* o espaço formado pelas cidades africanas do passado funciona como espaço da protagonista, enquanto as cidades americanas atuam como espaço antagonista. A tensão entre esses dois cenários possibilita a criação de um novo espaço de mediação social na cidade africana contemporânea, onde a protagonista pode reconstruir a sua identidade cultural. Nessa elaboração espacial, ficam evidentes os desafios enfrentados em um país desconhecido e o deslocamento social provocado pela perda das referências culturais de origem. Também é clara a importância do resgate de certos valores tradicionais e da negociação destes com novos valores para a criação de um espaço de diversidade social onde a mulher encontre oportunidades e escolhas para exercer a sua independência.

## Breve contextualização

A escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (1977) vem conquistando cada vez mais respeito e notoriedade, tem já diversas obras publicadas e traduzidas a diferentes idiomas, entre estas, um livro de contos e três romances: *Purple hibiscos* (2003), *Half yellow sun* (2006) e *Americanah* (2013). A sua escrita tem chamado a atenção de críticos literários de diversas universidades em diferentes países e a sua fortuna crítica já tem corpo e tende a ser promissora. Além disso, a autora tem apresentado conferências em eventos como os *TED Talks*, alcançando grande visibilidade nos meios digitais, como é o caso das palestras *The danger of a single storie* (2009) e *We should all be feminists* (2012). Essa trajetória que começa com fôlego comprova que Adichie é uma das importantes e promissoras vozes femininas da literatura africana contemporânea e que, como mulher negra e assumidamente feminista, é modelo de sucesso e de empoderamento para outras mulheres em todo o mundo.

O romance *Americanah* ambienta-se parte em Lagos e parte em algumas cidades dos Estados Unidos, país para onde a protagonista Ifemelu imigra e vive por 13 anos. A obra,

narrada em terceira pessoa, é constituída como um mosaico que entrelaça fragmentos da história de Ifemelu e do seu ex-namorado, Obinze, primeiro juntos na Nigéria, depois separados, ela nos Estados Unidos e ele na Inglaterra. Essa estrutura forma uma espécie de *mise en abîme* na qual as longas horas que ela passa no salão trançando os cabelos antes de regressar à Nigéria funciona como moldura narrativa, que permite a introdução de temas polêmicos, como questões de gênero, raciais e culturais. Além disso, a construção do enredo possibilita avanços e recuos no tempo rompendo a linearidade temporal e aumentando a tensão entre os espaços literários. O romance revela os desafios e conflitos experimentados pelos personagens nos dois países destino, e também na Nigéria, e constrói uma reflexão sóbria e crítica sobre as culturas americana e nigeriana na contemporaneidade. Na sua temática, estão tópicos como as tensões no âmbito da identidade cultural, provocadas pela transculturalidade, e as diversas formas de opressão da mulher tanto na África quanto na América.

Os desafios e as lutas da mulher africana têm sido representados na obra de escritoras de todo o continente, desde o início da tradição literária feminina até a contemporaneidade. Tendo o foco no contexto nigeriano, as principais predecessoras de Adichie, que semearam o terreno fértil onde ela pôde florescer, são Flora Nwapa e Buchi Emecheta. A obra mais conhecida de Nwapa é *Efuru* (1966), considerado o primeiro romance de língua inglesa escrito por uma mulher da África Ocidental. O texto segue a tradição do precursor Chinua Achebe, concentrando-se na vida familiar rural, no entanto, introduz a perspectiva feminina, expondo as vicissitudes que a mulher enfrenta nesse contexto e questionando o seu papel na sociedade. Além disso, discute questões sobre a maternidade, o matrimônio e o colonialismo e propõe a emancipação da mulher por força do trabalho. Outra obra que faz parte do *canon* feminino nigeriano é *The joys of motherhood* (1979) de Buchi Emecheta. Esse texto dialoga com o trabalho de Nwapa e de Achebe, também localizado em uma comunidade rural, por outro lado, introduz o contexto urbano moderno como contraponto. A escritora aborda igualmente questões como matrimônio, maternidade e colonialismo, denunciando as opressões que o patriarcado impõe às mulheres e colocando-as como capazes de redefinir o seu papel na sociedade. Enquanto isso, critica a postura dos homens construindo personagens masculinos fracos, capazes de trair e de fugir ante a força do colono.

Adichie não escapa à tradição, persistindo na representação da luta da mulher africana, com protagonistas fortes, independentes e capazes de lutar pelo seu espaço na sociedade. No entanto, pode-se observar uma certa evolução no que se refere às opções da mulher no contexto contemporâneo, tendo em vista que a Lagos representada pela escritora em *Americanah* é uma cidade grande e moderna que oferece lugares para a convivência da diversidade e para a emancipação da mulher, ainda que tais privilégios estejam mais acessíveis a certos níveis socioeconômicos privilegiados. Nesse sentido, a “apropriação da história, a historicização do passado, a narrativização da sociedade, que dão força ao romance, incluem a acumulação e diferenciação do espaço social, espaço a ser usado para finalidades sociais” (SAID, 2011, p. 137).

### **A cidade: uma perspectiva espacial**

Tanto Nwapa quanto Emecheta introduzem nas suas obras o espaço urbano da cidade africana e da cidade estrangeira, para onde as personagens eventualmente têm de imigrar, e representam nesses cenários a luta das mulheres para conquistar a sua independência. Na obra de Adichie também estão presentes essas duas perspectivas espaciais urbanas, que podem ser entendidas como ambientes em tensão. O crítico literário

Franco Moretti (2003) considera que a pluralidade geográfica introduzida pela modernidade trouxe ao romance o desafio de atuar como ponte entre a cultura tradicional e as novas referências modernas. Ao comparar os romances de Balzac com a estrutura binária do conto tradicional europeu, ele propõe que o escritor francês usa uma pluralidade de agentes nos seus textos para dar conta das complicações do cenário urbano moderno da cidade de Paris. Essa nova estrutura constitui-se sob a forma definida de um triângulo, em cujos vértices encontram-se o “campo do herói, do antagonista, e daí um terceiro pólo narrativo; e um enredo que, ao longo do tempo, se torna mais e mais a história deste terceiro pólo. A história do terceiro” (MORETTI, 2003, p. 117). Sendo esse elemento a ruptura do contraste absoluto entre duas situações polarizadas, funciona como um meio-termo, ou seja, como uma força de mediação social que acaba se tornando a verdadeira protagonista da narrativa.

Transpondo os polos narrativos propostos por Moretti à dimensão espacial, podemos assumir a presença de um espaço do protagonista e de outro que se antagoniza a este. Sendo assim, o terceiro polo que surge passa a ser um novo espaço que se cria a partir da tensão entre esses dois ambientes iniciais. Se analisamos a obra de Adichie sob essa perspectiva, entendemos que o espaço da protagonista se conforma pela cidade de Lagos do passado, onde a protagonista passa a infância e a adolescência, e também por Nsukka, para onde ela se muda para ingressar na universidade. Por outro lado, o espaço antagonista é constituído pelas diferentes cidades americanas representadas no romance. O conflito entre esses dois campos forma uma moldura narrativa dentro da qual ocorre o diálogo entre a tradição, presente nas cidades do passado, e a contemporaneidade das cidades americanas. Dessa forma, o enredo que resulta do entrelaçamento das histórias passadas nos Estados Unidos e na Nigéria constrói o espaço terceiro que é a Lagos contemporânea, para onde a protagonista regressa e encontra oportunidade de redefinir a sua identidade e o seu papel como mulher na sociedade. A nova cidade que a circunda é uma composição de valores tradicionais e contemporâneos, ocidentais e africanos, um espaço cosmopolita e diversificado que lhe permite exercer as habilidades e os aprendizados adquiridos em suas mundivivências.

### **As cidades africanas**

O espaço da protagonista, representado pela Lagos da adolescência e por Nsukka da vida universitária, conforma-se como um lugar seguro por conter o familiar, o conhecido, o amistoso; no entanto, ali se revelam igualmente as vicissitudes da vida no terceiro mundo e os obstáculos impostos à mulher na sociedade pós-colonial. O pai de Ifemelu é um homem culto, educado na missão cristã, fala inglês de forma impecável e gosta de discursar sobre os seus conhecimentos. No entanto, para a filha a sua forma de se expressar é reflexo da sua insegurança e frustração por não ter podido estudar mais nem tido uma vida mais confortável. Por isso, ela “preferia quando o pai falava igbo; eram as únicas ocasiões em que parecia não ter consciência de suas ansiedades” (ADICHIE, 2013, p. 56). Ao ser afetado pelo desemprego, o patriarca perde a sua potência e a família passa por dificuldades financeiras. A mãe, por outro lado, converte-se em uma cristã fervorosa que, de tempos em tempos, muda de igreja e de comportamento, mostrando uma clara desorientação espiritual. Esse contexto familiar revela o tom crítico de Adichie perante um cenário que se construiu com o fim da colonização, no qual a prevalência de certos valores culturais ocidentais, introduzidos de forma desordenada, provocou a alienação de alguns, que ficaram presos entre o desejo de ser como o colono e a possibilidade de desenvolver uma identidade própria.

Essa mesma postura revela-se na história de Tia Uju, prima mais velha de Ifemelu, que, como muitas mulheres naquele contexto, foi amante do um general rico, poderoso e casado na Nigéria, que lhe conseguiu um emprego e lhe pagou as contas; até morrer deixando-lhe um filho e nenhum tipo de apoio financeiro. Ela é obrigada a imigrar para os Estados Unidos com a criança para reconstruir a sua vida por si própria, e até quando já tem a sua independência financeira continua obcecada pela ideia de se casar. Nesse exemplo e no de outras personagens que também têm obsessão pelo matrimônio, a autora chama a atenção para a importância que essa instituição tem ainda hoje. Adichie não se manifesta contra a união conjugal entre mulher e homem, no entanto, expressa a sua visão crítica sobre o fato de algumas mulheres submeterem-se a relações com homens não são nem bons pais nem bons maridos só para obterem o status de casadas. Dessa forma, aponta na direção da emancipação da mulher e do seu direito de escolha, tentando desenhar um contexto que apresente diversas oportunidades para se alcançar a verdadeira independência.

Além da sua família, o namorado de adolescência de Ifemelu, Obinze, e a sua mãe também são importantes figuras na composição do espaço da protagonista. O companheiro é culto e inteligente, tem uma imensa vontade de morar nos Estados Unidos e, de certa forma, contamina a namorada com esse desejo. A mãe do jovem é uma professora universitária que tem a reputação de lutar pelos seus ideais e a protagonista admira-a muito, não só por ser acadêmica, mas também por criar o filho sozinha. Assim, elas estabelecem uma conexão intelectual e uma relação de confiança e, a partir de então, essa personagem apresenta-se como um contraponto que tensiona com os pais da protagonista, imersos na inércia da alienação cultural e incapazes de assumir uma postura mais ativa diante das adversidades. Fica evidente os laços estabelecidos por Ifemelu no ambiente criado na vida universitária, quando ela expressa a nostalgia que sente dos seus dias ali:

Ifemelu ficou surpresa ao constatar o quanto sentira falta da própria Nsukka, do ritmo lento da rotina, dos amigos reunidos em seu quarto até depois da meia-noite, das fofocas tolas que eram contadas e repetidas, das escadas pelas quais ela subia e descia devagar, como num despertar gradual, e de todas as manhãs esbranquiçadas pelo harmatã (ADICHIE, 2013, p. 102).

Durante todo o romance, nota-se a importância da educação e, conseqüentemente, dos espaços universitários. Seja por influência do pai ou da “sogra”, a protagonista considera a formação universitária como um bem precioso que precisa alcançar e isso faz com que se lance na aventura da imigração para alcançar esse objetivo.

A construção espacial que leva à constituição desse primeiro espaço, que chamamos aqui espaço da protagonista, é desenvolvida em um dos polos narrativos do romance. Sem deixar de explicitar uma visão crítica da realidade, repleta de imperfeições e injustiças, a autora elabora um ambiente conhecido, tradicional e familiar, que se constitui como um alicerce no qual o indivíduo forma os seus valores e a sua identidade, um lugar cujas dificuldades enfrentadas dão-lhe resistência e força para lutar pelos seus sonhos. Ao deixar ver uma perspectiva do passado, esse laço sólido permite sonhar e projetar o futuro. Em *As cidades invisíveis*, Calvino sugere que:

[...] mesmo o mais inesperado dos sonhos é um quebra-cabeça que esconde um desejo, ou então o seu oposto, um medo. As cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio

condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa (CALVINO, 1975, p. 44).

É como esse espírito que Ifemelu imigra para os Estados Unidos, com poucas posses e muitas expectativas, muitos sonhos e inseguranças e, sobretudo, muita coragem.

### **As cidades americanas**

As cidades americanas trouxeram inseguranças e decepções, mas também proporcionaram aprendizados, alegrias e amores a Ifemelu. A definição desse espaço como antagonista passa, em princípio, pela questão dos preconceitos e obstáculos que a protagonista enfrenta por ser negra e estrangeira e, em segundo lugar, pela perda de identidade que significou a sua adaptação a esse contexto. A primeira decepção dá-se pelo fato de ela não ter autorização para trabalhar e ter que usar a identidade de outra pessoa para isso. A segunda é quando se dá conta de que ainda que tivesse qualificações e, supostamente, documentos, não conseguiria encontrar trabalho por questões raciais, o que ela afirma nunca ter enfrentado no seu país. Essas frustrações deixam-na paralisada:

Aquele primeiro verão foi o verão da espera para Ifemelu; a verdadeira América, pensava ela, estaria logo na próxima esquina. Até os dias deslizando um para dentro do outro, lânguidos e límpidos, com o sol se demorando até bem tarde, pareciam estar aguardando. Havia uma desolação em sua vida, uma aridez em brasa, sem pais, amigos ou um lar, os marcos familiares que faziam com que fosse quem era (ADICHIE, 2013, p. 122).

Nesse primeiro momento, os sonhos ficam abandonados ao esquecimento e o distanciamento do seu ambiente familiar, e o conseqüente deslocamento sociocultural, estabelecem uma tensão entre o novo espaço e o espaço da protagonista. O temor pela falta de trabalho e dinheiro toma conta da Ifemelu e faz com que ela tenha que se submeter a uma situação de prostituição que destrói o seu relacionamento com Obinze e a deixa em um estado emocional depressivo. O medo é uma emoção inerente ao ser humano, que se manifesta de diversas maneiras, conscientes ou inconscientes, como através de ansiedades, sonhos e fobias, todas originadas no medo primordial da morte, que gera a necessidade de segurança nos indivíduos. Segundo o historiador Jean Delumeau (2009), a resposta ao medo depende das circunstâncias e pode se caracterizar pela paralisação ou por ações violentas, entre outros efeitos, que atuam no sentido de autodefesa e autopreservação. No caso da protagonista, o medo e o desespero levaram-na a atuar contra os seus valores para se autopreservar, o que lhe gera imensa culpa, perdas e arrependimentos, revelando outra tensão entre o espaço da protagonista e o espaço antagonista, ou seja, a falta de estrutura social nesse lugar desconhecido que a levou a se deixar guiar pelo medo.

Outro acontecimento marcante que modifica a experiência de Ifemelu com o espaço é a tentativa de suicídio do primo Dike, de quem ela é muito próxima. Ao longo da narrativa fica evidente que o menino também se encontra deslocado culturalmente, por saber muito pouco sobre o seu pai, a sua família e o seu lugar de origem, além disso, não ter a oportunidade de aprender a língua dos seus parentes. A mãe acredita que é melhor o filho esconder as suas raízes africanas para ser melhor aceito na sociedade americana; mas, enquanto isso, o jovem é vítima constante de bullying e racismo, sendo acusado injustamente ou excluído em distintas situações. A protagonista estranha a transformação

do primo em uma espécie de mini americano, popular, engraçado e com uma nova namorada, o que faz para se sentir mais incluído. No entanto, ela não é capaz de prever a tragédia; a dor, a confusão identitária e a solidão do exílio fazem com que Dike decida deixar de viver. Nesse caso, nota-se a crítica da autora ao comportamento racista e abusivo presente e permitido na escola, vindo tanto de alunos como de professores e diretores, destruindo a sua verdadeira essência de muitas crianças que se sentem excluídas.

Por outro lado, Ifemelu, consegue sair do estado depressivo quando encontra o seu primeiro trabalho como babá e partir de então continua em uma trajetória de ascensão com muitas conquistas. No entanto, à medida que se adapta ao lugar, vai perdendo a sua própria identidade. Isso fica claro quando ela decide abandonar o sotaque nigeriano para tentar falar como uma americana nativa e a partir de então muitas portas abrem-se. Ela termina o curso universitário, encontra um namorado branco e rico e, através de contatos dele, consegue outro trabalho, desta vez, na sua área de formação. Com Curt ela viaja a muitos lugares do mundo e vive uma vida de luxo à qual se acostuma com muita facilidade:

[...] Curt lhe dera a dádiva do contentamento, do conforto. Como Ifemelu tinha se acostumado depressa com a vida deles [...]. Tinha deixado sua antiga pele para trás. Quase havia passado a gostar do inverno, da camada brilhante de gelo encima dos carros, da quentura luxuosa dos suéteres de cashmere que Curt lhe dava (ADICHIE, 2013, p. 217).

Nota-se o contraste entre esse ambiente, ao qual a protagonista se submerge com imensa facilidade, e a casa dos pais dela em Lagos, com as paredes da cozinha manchadas de óleo e o aluguel há dois anos sem pagar. Ainda que o segundo espaço pareça mais agradável e que Ifemelu se sinta confortável ali, ela não se acomoda e não deixa de trabalhar, ainda que Curt o sugira, e é através do trabalho que ela pode continuar na luta pela sua independência. Assim, ela logo percebe que está perdida na representação desse papel, e quando rompem a relação, começa a refletir sobre quem era antes de o conhecer: “Mas o antes era uma névoa cor de ardósia, e Ifemelu não sabia mais quem fora, do que gostava, o que queria” (ADICHIE, 2013, p. 324).

Esse choque de lucidez é o que a leva a deixar o trabalho, no qual estava insatisfeita, e começar a escrever um blog com as suas reflexões sobre a cultura americana, que rapidamente se torna uma fonte estável de renda e de notoriedade. Em pouco tempo, ela envolve-se em outra relação amorosa; o seu segundo namorado americano, Blaine, é professor universitário e negro e tem um círculo de amigos inteligentes e cultos ao qual ela rapidamente se encaixa. É como se estivesse pouco a pouco reaproximando-se das suas raízes africanas ao namorar um afrodescendente. No entanto, enquanto Curt foi uma espécie de sol, como ela mesma o descreve, que lhe proporcionou oportunidades para crescer pelos seus próprios méritos, a virtuosidade de Blaine parecia-lhe intimidadora, como se ela nunca pudesse estar à altura dele. No entanto, tamanha perfeição leva-a a perder-se outra vez no labirinto da identidade cultural e a questionar quais eram os seus verdadeiros sonhos:

Seu blog estava indo bem, com milhares de visitantes por mês, ela ganhava bastante para dar palestras, tinha uma bolsa de estudos em Princeton estava com Blaine – “Você é o amor da minha vida”, havia escrito ele em seu último cartão de aniversário. No entanto, tinha cimento na alma. Estava lá havia algum tempo, numa fadiga matutina, algo sombrio e sem contornos nítidos. E trouxe consigo anseios

amorfos, desejos indistintos, vislumbres breves e imaginários de outras vidas que ela poderia estar vivendo, que ao longo dos meses se transformaram numa lancinante saudade do seu país” (ADICHIE, 2013, p. 12-13).

No início da sua jornada no estrangeiro, a protagonista encontra-se em uma situação tão fragilizada que o seu instinto de sobrevivência a leva a agir impulsionada pelo medo, agredindo os seus princípios. No entanto, por força do seu trabalho e da sua formação, é capaz de transformar a sua história e encontrar amor e independência. Podemos comparar esse processo ao que Achille Mbembe (2010) chama de “*decolação* do mundo”, que, segundo ele, é o cerne do pensamento anticolonialista e designa uma forma de abertura, de eclosão, de surgimento, que possibilita o florescimento daquilo que estava enclausurado. Isso se reflete na noção “do pertencimento ao mundo, da habitação do mundo, da criação do mundo, ou ainda, das condições sob as quais fazemos o mundo e nos constituímos enquanto herdeiros do mundo” (MBEMBE, 2010, p. 68). Ou seja, nos Estados Unidos Ifemelu, como mulher africana, teve a oportunidade e a capacidade de construir um ambiente familiar, um lugar onde pudesse criar raízes e permanecer, e tudo isso através do seu trabalho, da sua formação e da sua coragem para exprimir os seus pensamentos. No entanto, fica evidente que ela não se sente pertencente a essa perfeição do espaço da cidade americana, que nunca seria capaz de suprir a ausência do espaço protagonista, que prevalece cravado no seu imaginário, ainda que idealizado e distante. Esse contraste final entre o espaço da protagonista e o espaço antagonista é o que desencadeia e possibilita a construção do terceiro espaço, que surge da tensão e da negociação entre os dois primeiros, e que é o espaço de mediação social no qual ela finalmente pode construir a sua verdadeira identidade.

É interessante notar que a moldura narrativa, que produz um efeito de *mise en abîme* envolvendo e entrelaçando o mosaico de histórias do qual se constitui a obra, concentra-se no tema do cabelo, que é sensível para Ifemelu desde o momento em que decide imigrar para os Estados Unidos e Tia Uju aconselha que trançe os cabelos na Nigéria porque isso seria muito caro na América. Depois disso, ela decide alisar o cabelo para apresentar-se “como devido” na sociedade americana, segundo conselhos de uma colega, e passa por tratamentos químicos agressivos que a deixam com o couro cabeludo queimado. No entanto, ela finalmente assume o cabelo afro natural até o momento em que se encontra em um salão trançando-os novamente antes de regressar a casa. O trançar dos cabelos, que representa a perpetuação de uma tradição africana em muitas partes do mundo por hábeis mãos femininas, na obra funciona como um fio condutor que reconecta Ifemelu com o momento em que deixou a Nigéria, ou seja, que a conduz no seu processo de busca pela identidade. A medida que a cabeleireira senegalesa Aisha trança os cabelos da protagonista, a narradora costura, em episódios intercalados, a história passada e recente dela e de Obinze. Dessa forma, surge a possibilidade de criação do terceiro polo narrativo, a Lagos contemporânea, que será o campo de negociação e construção do terceiro espaço, o lugar de mediação cultural.

### **A cidade africana contemporânea**

Depois de tantos anos no estrangeiro, o choque espacial imediato é evidente: “No início, Lagos agrediu-a; a pressa aturdida do sol, os ônibus amarelos repletos de corpos amassados, os ambulantes suados correndo atrás dos carros, os anúncios em cartazes gigantescos [...] e as pilhas de lixo que se amontoavam à beira da estrada como uma provocação” (ADICHIE, 2013, p. 415). Essa primeira impressão deixa Ifemelu aturdida,



no entanto, aos poucos ela reencontra elementos familiares que lhe permitem reconectar-se com o lugar. Um exemplo é a casa dos seus pais:

Ifemelu passou semanas com os pais no velho apartamento, feliz simplesmente por estar sentada olhando para as paredes que haviam sido testemunha de sua infância; só quando começou a comer o cozido da mãe, com uma camada de óleo flutuando em cima dos tomates batidos, percebeu o quanto tinha sentido saudades dele (ADICHIE, 2013, p. 427).

Nota-se a importância da reconexão sensorial com o espaço através da visão, do olfato e do paladar e de como os elementos familiares aos sentidos possibilitam à protagonista uma rápida readaptação. No entanto, fica evidente a sua dificuldade em se reaproximar das suas amigas, às quais julga inconscientemente com base nos novos valores que adquiriu nos Estados Unidos. O exemplo mais concreto é a amiga Ranyinudo, que tem o objetivo encontrar um marido e, enquanto isso, tem um namorado casado que paga as suas despesas e lhe dá presentes caros. Ifemelu frustra-se ao notar que, depois de tantos anos, as mulheres na Nigéria ainda passam pela mesma situação que Tia Uju. No entanto, ao criticar a amiga parece não perceber que nos Estados Unidos ela também esteve sob a tutela de homens em algumas circunstâncias. Também é complicada a sua readaptação profissional; apesar de encontrar trabalho com certa facilidade, ela não se sente confortável com a superficialidade dos temas tratados pela revista onde trabalha como redatora. Nesse sentido, fica evidente que as mundivivências adquiridas pela protagonista nas suas experiências no estrangeiro fazem com que ela tenha um olhar crítico e muito a dizer sobre a sociedade que encontra na cidade africana contemporânea. Através de uma colega de trabalho, que também vive uma experiência internacional, Ifemelu conhece o Clube Nigerpolita, que, segundo ela, é “um grupo de jovens que voltaram do exterior e que se encontram toda semana para reclamar das muitas diferenças entre Lagos e Nova York” (ADICHIE, 2013, p. 453). Apesar de se referir a eles como certo tom crítico, esse grupo é outro elemento que lhe facilita encontrar em Lagos um estilo de vida de acordo com os seus novos gostos. Isso acaba por motivar a escrita de um novo blog, com reflexões sobre a cidade de Lagos da atualidade, que acaba se transformando em um campo de negociação identitária. Nesse sentido, a atitude de Ifemelu propõe outras opções à mulher na cidade africana, ou seja, a possibilidade criação do seu próprio espaço social.

Ao regressar ao país, Ifemelu decide não usufruir de favores do seu ex-namorado para se reinstalar na cidade, atitude encorajada pela amiga Ranyinudo e aparentemente considerada normal naquela sociedade. Obinze agora rico e influente, depois de passar por muitos desafios em Londres, é casado e Ifemelu recusa-se a continuar uma relação extraconjugal com ele, o que também poderia ser aceito naquele contexto social. Essa atitude demonstra que a protagonista está disposta a fazer cumprir os seus valores e não simplesmente se submeter ao que já estava imposto pela sociedade patriarcal. O escritor e professor maliano Wesley Macheso propõe que a decepção que sofrem Ifemelu e Obinze nas suas experiências imigratórias

[...] questiona a validade dos ideais de cosmopolitismo e afropolitanismo no advento da globalização. O romance denuncia os cosmopolitas, no sentido da possibilidade de alguém ser realmente um cidadão do mundo, expondo os desafios que os imigrantes africanos enfrentam nos países ocidentais. O cosmopolitismo continua sendo um ideal contencioso no século XXI (MACHESO, 2015).

É fato que os imigrantes africanos enfrentam inúmeros obstáculos na diáspora, mesmo que tenham alto nível profissional e de formação. No entanto, encontramos outro ponto de vista se abordamos a questão a partir de Mbembe, que denomina afropolitanidade a cultura transnacional, formada no continente africano por pessoas que viajaram, aprenderam outros idiomas e desenvolveram o olhar e a sensibilidade através dessas mundivivências. Segundo ele:

O afropolitanismo é uma estilística, uma estética e uma certa poética do mundo. É uma maneira de ser no mundo que recusa, por princípio, toda forma de identidade vitimizadora, o que não significa que ela não tenha consciência das injustiças e da violência que a lei do mundo infringiu a esse continente e a seus habitantes. É igualmente uma tomada de posição política e cultural em relação à nação, à raça e à questão da diferença em geral (MBEMBE, 2015, p. 71).

Essas características não impediram que os protagonistas sofressem por serem estrangeiros, não obstante, têm imensa importância no processo de reconstrução das suas identidades culturais. Ambos buscam a sua realização pessoal e acabam por desenvolver um estilo de vida que coloca em negociação os novos valores que adquiriram nas suas vivências em outros países, com aqueles tradicionais que lhes são caros na sua cultura de origem. Ou seja, eles assumem no seu retorno à Nigéria um comportamento livre das máculas do passado, o que lhes permite a projetar um futuro em que valores diversos possam conviver em harmonia. E é assim que a mulher pode construir um novo espaço social no qual convive com o homem em parceria, não em uma relação de dependência. As personagens de Adichie continuam as lutas que começaram as de Nwapa e Emecheta, mulheres que redefiniram o seu papel na sociedade por força do seu trabalho, no entanto, pode ser que na sociedade contemporânea haja mais opções de escolha. E é assim que “A cidade aparece como um todo no qual nenhum desejo é desperdiçado e do qual você faz parte, e, uma vez que aqui goza tudo o que não se goza em outros lugares, não resta nada além de residir nesse desejo e se satisfazer” (CALVINO, p. 16).

### Notas conclusivas

Ao longo do trabalho observamos como Adichie segue a tradição literária das principais escritoras nigerianas, que se apropriam da história e redesenham a trajetória de lutas e conquistas da mulher na cidade contemporânea. Levando em conta a teoria de Moretti sobre o terceiro polo narrativo, podemos concluir que se conformam três perspectivas espaciais no romance: o espaço da protagonista, o espaço antagonista e o terceiro espaço que surge da tensão entre os dois primeiros. Em *Americanah*, entendemos que o espaço da protagonista é representado pelas cidades nigerianas do passado, lugares conhecidos, seguros, familiares e fontes de lembranças felizes. O espaço antagonista constitui-se pelas cidades americanas onde a protagonista mora. É fato que por mérito do seu trabalho ela consegue conquistar independência e estabelecer um novo espaço social no estrangeiro, no entanto, não é capaz de estabelecer um sentido de pertencimento ao lugar. Nem o trabalho, o amor, o dinheiro e o sucesso foram suficientes para suprir a falta de conexão com as suas raízes culturais, fazendo com que Ifemelu regressasse às suas origens em busca de reconstruir a sua identidade cultural.

É assim que se constitui o terceiro polo narrativo do romance, representado pelo espaço da cidade de Lagos contemporânea. Ainda que a protagonista se reconecte com

facilidade a certos aspectos culturais, é notável que os novos hábitos, gostos e valores que adquire na sua experiência imigratória transformam a sua forma de ser e estar no mundo, causando-lhe um desconforto inicial. No entanto, ao se reinserir na sociedade, ela assume uma postura que identificamos com o comportamento afropolitano, que supõe uma atitude proativa e otimista que permite a construção de um espaço de mediação onde se podem negociar novos valores e onde a mulher pode conquistar o seu espaço e a sua independência e ainda conviver com o homem em harmonia. Nesse sentido, entendemos que Adichie constrói um cenário na cidade contemporânea que oferece múltiplas escolhas para que a mulher possa viver de acordo com os seus valores, exercer as suas habilidades e conquistar, por mérito do seu trabalho, todos os sonhos que ousar sonhar.

## Referências

- ADICHIE, C. N. **We should all be feminists**. New York: Vintage Books, 2014.
- \_\_\_\_\_. **Americanah**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- \_\_\_\_\_. **Meio sol amarelo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Purple hibiscus**. London: Fourth Estate, 2004.
- BAMISILE, S. À procura de uma ideologia afro-cêntrica: do feminismo ao afro-feminismo. **Via Atlântica**. n. 24, p. 257-279, 2013.
- CALVINO, I. **As cidades invisíveis**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- DELUMEAU, J. **História do medo no ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- MBEMBE, A. **Sortir de la grande nuit**. Paris: La Découverte, 2010.
- \_\_\_\_\_. Afropolitanismo. **Áskesis**. v. 4, n. 2, p. 68-71, 2015.
- MACHESO, W. The 21<sup>st</sup> Century African as a Cosmopolitan Individual in Chimamanda Ngozi Adichie's *Americanah*. **African Writer**. 2015. Disponível em: <<https://www.africanwriter.com/the-21st-century-african-as-a-cosmopolitan-individual-in-chimamanda-ngozi-adichies-americanah/>>. Acesso em 08 fev. 2019.
- MARTINS, C. “La Noire de...” tem nome e tem voz. **e-cadernos ces**. n. 12, p. 118-142, 2011. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/eces/711>>. Acesso em 08 fev. 2019.
- MORETTI, F. **Atlas do romance europeu: 1800-1900**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.
- NAÇÕES UNIDAS. **Igualdade de gênero**. 2015. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/pos2015/ods5/>>. Acesso em 08 fev. 2019.
- SAID, E. **Cultura e imperialismo**. São Paulo, Companhia de Bolso, 2011.